

RECADO DE PARIS

Paris, dezembro — Claudel foi ver a peça de Mauriac. Segundo este, Claudel elogiou muito a peça — mas, através desses elogios, o autor percebeu que o velho amigo não entendera coisa alguma do enredo... E' que, aos 82 anos, o poeta é muito surdo. Agora é o próprio autor de "Eoulier de Satin" que em um jornal literário confessa isso, escrevendo sobre "Le feu sur la terre". Só mesmo um grande homem, condecorado e supercondecorado, teria a coragem de escrever um artigo ao mesmo tempo tão vago, tão exclamativo e afinal de contas tão... piffo sobre uma peça.

"No canapé há uma conversa em voz baixa... E' claro, um espectador surdo como eu não pilha uma só palavra — como de resto a toda a peça. Mas ele tem a seu serviço a metade de um olho, as informações que colheu no programa e nas críticas, ou lhe dão os vizinhos complacentes e muita imaginação..." Diz que, embora não possa ouvir, "interpretava" a ação pelo que via — sem se dar ao trabalho, antes de escrever o artigo, de ler a peça. Embora Mauriac seja conservador e católico êle deve ter sorriso dessa ferocidade com que Claudel justifica, nesse artigo, coisas que o próprio Mauriac não procura justificar, mas apresenta como detalhes ou como elementos da ação dramática. O clúme da irmã pelo irmão, "expressão do instinto de grupo em socorro de uma comunidade ameaçada", o pai "que toma a sério a questão de dinheiro" e cuja "indignação é legítima" pelo fato do filho querer ser artista, pois "a arte, considerada de um certo ponto de vista é uma loteria em que a chance de ganhar é mínima e não é confortador ver um filho confiar seus haveres a esse pano verde". Claudel reconhece que o filho devolve uma parte do dinheiro ao pai — mas, assinala, provavelmente em francos já desvalorizados... E fala do valor do franco Ramadier, do franco Pettsche, como se tivesse passado uma parte do espetáculo a pensar nos seus próprios (notavelmente gordos) rendimentos.

Em resumo: um artigo melancólico, insensato e egoísta em que o velho Claudel deixa aparecer — êle, capaz antigamente de tão altos vãos — toda a mediocridade estretamente burguesa de seu temperamento e de sua vida dominada pela obsessão da carreira, do dinheiro. "E há também a Igreja — é uma das mais fortes cenas desse belo drama — que, não contente com esse seminarista que lhe entregam como resgate, vem ainda pedir dinheiro. Muito bem! Gosto que a Igreja seja representada assim, em seu papel normal e sagrado de mendiga..."

Dinheiro, dinheiro... O velho e surdo castelão de Brangues passou mesmo o tempo todo pensando em dinheiro. E no fim do artigo se lembra talvez de que é preciso elogiar a peça, e o faz apressadamente, como um cronista esportivo de jornalzinho de colégio: "C'est ce tour de force que notre ami Mauriac a brillamment réussi et je suis heureux de lui crier bravo!"

22 12.50